



editorial

O presente número da *Aletria: revista de estudos de literatura*, vol. 31 n. 3, organizado pelos professores Sabrina Sedlmayer e Georg Otte, dedica-se a trazer em seu dossiê temático um conjunto de textos que tratam do tema *Trânsfuga: migração e transgressão na literatura*.

O teórico francês Pierre Bourdieu recorreu ao termo “trânsfuga” para falar daqueles que fogem não apenas de sua classe social, mas que também “traem” expectativas culturais numa difícil migração entre estratos sociais e profissionais, entre gêneros e identidades sexuais, enfrentando todo tipo de constrangimento no plano psicológico. Como fenômeno psicossocial, o/a trânsfuga é uma figura literária por excelência, uma vez que transgride e questiona os “habitus” sociais existentes. Partindo dessa provocação teórica, este presente número da *Aletria* abriu espaço para artigos, ensaios e entrevistas que refletem sobre a questão da mobilidade no tempo presente e elaboram hipóteses de leitura sobre os escapes identitários, econômicos e culturais em termos transdisciplinares.

O ensaio que abre o Dossiê, intitulado *Misterioso reino: Fitzcarraldo, femininismo e teoria pós-colonial*, de Carolina Correia dos Santos, reconta o filme do cineasta alemão Werner Herzog a partir da perspectiva dos índios. Amparada na literatura de Gayatri Spivak (mas também em Haraway e Stengers), a autora elabora um modo de leitura provocador, aprofundando-se em aspectos que iluminam os estudos sobre mulheres. Com sutileza argumentativa, mostra como “a combinação de uma leitura criativa e comprometida historicamente e uma

leitura treinada no feminismo talvez possa virar levemente a chave de compreensão do colonialismo no sentido de privilegiar a ação e o discurso indígenas. O intuito é situar o filme e adentrar a selva amazônica e suas condições de existência, dar conta das relações que são estabelecidas e a partir das quais o filme se realiza”.

O segundo ensaio também lê mudanças e alterações significativas quando uma família da tribo mundurucu migra da aldeia para a cidade. Tal deslocamento provoca mudanças no modo de vida tradicional. A autora, Suene Honorato analisa o livro *Canumã, a travessia*, de Ytanajé Coelho Cardoso e focaliza como a educação (eis o que o título “O caderno e o lápis, armas indígenas contemporâneas” se refere) é um dispositivo privilegiado de alteração de lugares e linguagens.

Em “Trânsfugas e outros herdeiros das cinzas em Milton Hatoum”, a pesquisadora Luciana Persice Nogueira Pretti toma a literatura brasileira contemporânea, especificamente em três obras do escritor amazonense, e aponta como em sua ficção sempre há seres em trânsitos e em fugas (órfãos, bastardos, estrangeiros). Pretti se aproxima, com acuidade, da questão dos trânsfugas de classes, e demonstra como a ordem das sucessões e de linhagens analisadas por Bourdieu pode ser identificada nas contradições e nos atores contraditórios da ficção de Hatoum.

O quarto ensaio se volta para a questão do autoexílio e da imagem da pátria a partir da obra do peruano Oswaldo Reynoso, *Los eunucos*. Lara Poenaru e Rômulo Monte Alto, em regime de coautoria, exploram as relações de crise do pensamento maoísta na consciência de Reynoso, que passa a considerar não mais o pertencimento como dado geográfico mas, sim, relacionado ao que denomina “pátria literatura”.

No último ensaio desse Dossiê, intitulado “A literatura trânsfuga de José Fallero”, Andrea Cristiane Kahmann trabalha a literatura como uma arena prenhe de mecanismos seletivos e demonstra como o autor consegue romper o “jogo literário” e migrar entre níveis hierárquicos diferentes do da sua origem. Fallero sai da periferia e em *Vila sapo* (2019) e “*Os supridores*” irrompe em ambientes institucionalizados e canonizados, com a força da escrita.

Se a tarefa deste número foi a de tentar criar novas camadas de sentido para o termo trânsfuga e alargá-lo através das representações “*trans*”, podemos concluir pelas leituras apresentadas que os estudos literários, o cinema, a teoria e as artes visuais são capazes de arejar e

apontar as contradições que as estratificações identitárias e sociais teimam em cristalizar no contemporâneo.

Este número de Aletria também conta com cinco trabalhos que compõem a seção Varia.

No ensaio *Quase ausentes: autoria e representações de personagens negros no PNBE*, os autores James Rios de Oliveira Santos e Altamir Botoso apresentam uma análise sobre a baixa presença de autores negros na composição do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), dando ênfase às obras *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior.

Rodrigo de Albuquerque Marques nos apresenta o texto *Os verdes mares bravios do turista aprendiz*, a partir do qual realiza a descrição de um trecho da viagem de Mário de Andrade ao Norte e Nordeste do Brasil no ano de 1927, mais especificamente em um dia de passeio na capital cearense, Fortaleza.

O ensaio *A Mensageira: consolidação da escrita feminina no século XIX*, de Cristina Loff Knapp, tem como temática as vozes femininas na revista *A Mensageira*. Nele, a autora discute como foram alicerçados os escritos das mulheres no século XIX.

Em *Violência e escapismo como lazer para os desvalidos em Trainspotting e Cola* de Irvine Welsh, Amaury Garcia dos Santos Neto realiza a análise das representações da experiência de lazer de personagens jovens pertencentes às classes trabalhadoras da Escócia, nos romances, considerando o contexto histórico em que as narrativas se situam, ou seja, a era Thatcher.

No último ensaio que compõe dessa seção, *O fantasioso encontro entre Jung e Tolkien*, os autores Pablo Rwany Batista Ribeiro do Vale e Teresinha Vânia Zimbrão da Silva comparam as teorias e elaborações da escola da Psicologia Analítica e as teorias do filólogo, linguista e escritor John Ronald Reuel Tolkien sobre o fenômeno dos contos de fadas e suas particularidades enquanto parte de uma realidade psíquica criativa e arcaica.

Para conclusão do número, são apresentadas ainda uma Resenha e uma Entrevista.

A resenha é escrita por Michelle Marcia Cobra Torre, que além seu olhar analítico para o livro *O som do rugido da onça*, romance da escritora e historiadora Micheline Verunsch. Nas palavras de Torre,

“uma narrativa dividida em três partes, formada por uma variedade de vozes, sendo essas dos povos da floresta, da natureza, dos ancestrais”.

Na entrevista, Fernanda Miguel conversa com Lubi Prates, poeta e tradutora paulista que tem movimentado a cena da literatura contemporânea em festivais no Brasil e na América Latina, tendo como pautas ações que buscam dar visibilidade a mulheres negras, ao corpo político e a lutas antirracistas.

Gostaríamos, por fim, de ressaltar o trabalho cuidadoso de todos os envolvidos para que a *Aletria* possa divulgar estudos de literatura com a qualidade e o esmero com os quais a universidade pública registra sua atuação: um agradecimento à equipe responsável pelo processo de edição e aos colaboradores deste volume. Desejamos a todos uma boa leitura!

Elen de Medeiros
Marcos Antônio Alexandre
Sabrina Sedlmayer
Georg Otte